

HISTÓRIA DO AFOXÉ FILHOS DE GANDHY



J. Adeilson¹

O Porto de Salvador era o responsável pelo fluxo de mercadorias chegadas de todos os pontos do Brasil e da Europa. Os estivadores antes da guerra eram vistos como operários privilegiados e tinham orgulho e vaidade disso porque, em comparação às outras categorias, ganhavam relativamente bem e não tinham patrões. O seu trabalho era controlado pelo próprio sindicato, sem a ingerência patronal. Bastava ameaçar uma paralisação, para ter suas reivindicações atendidas.

Durante a Segunda Grande Guerra, na Bahia como em outros Estados, foram os estivadores que iniciaram os protestos contra o nazifascismo, se recusando a trabalhar com os navios da Espanha de Franco, sendo os primeiros a saírem em passeata da “Parede”, das proximidades do Instituto de Cacau para a Igreja da Conceição da Praia, portando bandeiras das nações aliadas, inclusive da União Soviética, proibida no Brasil.

¹ Artista plástico, formado pela Escola de Belas Artes da UFBA.

Logo após a vitória dos aliados, vários líderes comunistas, dentre outros Giocondo Dias, Vale Cabral, Jacob Gorender, Mário Alves e João da Costa Falcão, procuraram os estivadores por causa da sua participação ativa na luta contra o fascismo. Com a legalização dos partidos que se encontravam na clandestinidade, houve uma grande filiação dos estivadores ao Partido Comunista. Nas eleições que vieram a seguir, foi eleito deputado estadual, o estivador Jaime Maciel.

Assim, criou-se contra a estiva uma espécie de reação, o que não intimidou a categoria. No governo Dutra, a reação determinou a intervenção nos sindicatos e o da estiva foi um dos mais perseguidos, chegando uma junta interventora a instaurar inquérito para eliminar os mais atuantes, a exemplo de João Cardoso de Souza.

Antes da Segunda Guerra Mundial, os estivadores sempre participaram ativamente das festas populares da Bahia. Eles fundaram o Terno de Reis “Robalo” e se faziam presentes, sobretudo nos festejos da Lapinha e do Bonfim. Posteriormente fundaram o “Comendo Coentro” para o carnaval. Era um bloco com instrumentos de sopro que saía num caminhão alugado. Os relatos da época dão conta de que os estivadores em sua quase totalidade, só vestiam roupas dos mais caros linhos importados e usavam chapéus “Panamá”.

Seus sapatos eram “Scatamachia” (fábrica já extinta), feitos à mão. Nas festas, alugavam barracas de bebidas e comidas só para eles. Chegavam em caravanas de “carros de praça” – táxis.

Já em 1949, o pessoal da estiva passava por uma péssima fase. O governo federal anunciou uma economia de pós-guerra, estando o sindicato sob intervenção. O clima era de terror, mantido pela Capitania dos Portos.

No dia 18 de fevereiro de 1949, os estivadores do porto de Salvador, estavam sentados ao pé de uma mangueira perto da sede da entidade (Sindicato dos Estivadores), preocupados com a falta de trabalho nos portos e a política de arrocho salarial, gerada pela crise do pós-guerra. A ideia original de botar um “careta” na rua, partiu de Durval Marques da Silva (Vavá Madeira), tido como o maior festeiro da turma. A sugestão foi acatada.

Como o dinheiro era pouco, pela escassez de navios no porto, os estivadores fizeram uma “va-

quinha” para a compra de barris de mate, lençóis e couro para fazer os tamborins. Era uma quinta-feira. O cordão estava formado, faltando apenas o nome que levaria. Coube novamente a Vavá Madeira, a iniciativa de encontrar o nome. Após uma breve explicação sobre Mahatma Gandhi, ficou decidido que ali nascia o “Filhos de Gandhi”.

Ao tomar conhecimento de que os estivadores iam sair no carnaval com um cordão chamado “Gandhy”, a junta governativa do sindicato chamou os responsáveis para uma preleção, alertando que “tudo que saía da estiva, era visto pelas autoridades como coisa de comunista”. Para evitar represálias, o fundador Almir Fialho deu a ideia para mudar a grafia do nome Gandi, inserindo as letras “dh” e trocou o “i” por “y”, ficando Gandhy.

Aloísio Gomes dos Santos (Aloísio Gaiolão) procurou então o advogado Edgar Mata, chefe da equipe jurídica do sindicato, relatando o ocorrido. Mata colocou a sua equipe de sobreaviso, durante o carnaval, para o caso de alguma prisão. Outros estivadores preferiram seguir os companheiros de perto, não só temendo a intervenção policial, como também para dar cobertura. No primeiro dia, saíram apenas 36 participantes apesar de ter mais de 100 inscritos. Ninguém podia imaginar o que a polícia iria fazer. Mas sangue mesmo, somente dos pés dos participantes. A fantasia foi um lençol branco torso de toalha felpuda, nos pés um tamanco de couro cru chamado “Malandrinha”, que os castigaram sem pena. A saída foi do pé da velha mangueira. A primeira caminhada foi até a Igreja de Santa Luzia.

Conforme ficou determinado, mulher não podia entrar e era terminantemente proibido o uso de bebidas alcoólicas. A explicação para as proibições era de que onde havia bebida e mulher, haveria obrigatoriamente briga e o lema do cordão era a paz. Em tese, bastava proibir um dos dois “elementos” (ou a bebida ou a mulher). Em relação à bebida alcoólica, não teve jeito. No caso das mulheres a “justificativa” mais provável para a proibição, era o número de namoradas e amantes que alguns integrantes do bloco mantinham. Caso fosse permitida sua presença, esposas e “namoradas” disputariam a prioridade para desfilar dentro das cordas do bloco. Em outras palavras – confusão na certa. Para salvar a pele dos namoradores, mulheres somente fora das cordas.



Apesar da exclusão, as mulheres estiveram presentes nas primeiras horas de fundação. Foram as meninas do baixo meretrício do Julião, próximo ao ponto onde o grupo se reunia, que emprestaram boa parte dos lençóis. E foram elas que aplaudiram os primeiros passos da trupe.

Desde sua fundação, o Afoxé Filhos de Gandhi passou por uma série de transformações. Incorporou uma série de elementos ao seu desfile e aumentou de tamanho. A ideia de expansão, aparentemente fora de controle, não agrada a todos porque, apesar de ter sido fundado por estivadores, a partir de 1951, o bloco passou a admitir trabalhadores de outras classes. E hoje, praticamente eles formam a minoria.

O Filhos de Gandhi nos primeiros anos saiu cantando marchinhas até se dedicar especialmente ao ijexá (inclusive compondo suas próprias canções). Presença fundamental nas festas de largo da Bahia, é no Carnaval que se impõe a mística do afoxé. No passado, seus integrantes percorriam em fila indiana, vários pontos da cidade até o Terreiro do Gantois, onde homenageavam Mãe Menininha.

O Gandhi surgiu com uma proposta – botar o bloco na rua e levar os estivadores a participar novamente do carnaval de Salvador. A estrutura do bloco era simples, um grupo de homens vestidos de branco, tocando instrumentos de sopro e percussão. Em 1951, foram sendo introduzidas as alegorias que representam os sentimentos de Gandhi: a cabra (símbolo da vida) e o camelo (símbolo da resistência). No ano seguinte, o bloco foi transformado em afoxé, por terem sido introduzidos ritmos afros e o candomblé como orientação religiosa. No quarto ano de fundação, foram inseridos, entre outros elementos, os porta-estandartes, com a função de fiscalizar e assegurar a ordem dentro do bloco. Foi também incorporado ao cortejo o elefante (símbolo da força) e o camelo maior.

Na década de 1970, o bloco passou por seu momento mais difícil. Em 1974, o Afoxé Filhos de Gandhi fechou, por problemas administrativos e financeiros na presidência de Alberto Anastácio da Cruz. O bloco foi despejado de sua sede e todas as suas alegorias foram jogadas na rua. Durante dois anos (1974 e 1975), o bloco não desfilou no carnaval de Salvador.

Devido a várias campanhas de incentivo de ra-

dialistas, principalmente de Gérson Macedo (Rádio Excelsior), o bloco voltou a desfilar, sob o patrocínio de alguns dos seus participantes. Sob a presidência de Camafeu de Oxóssi e com o apoio de artistas baianos, dentre eles Gilberto Gil, o afoxé retornou às ruas, no ano de 1976, desfilando com cerca de 80 homens.

O número de participantes foi crescendo consideravelmente, chegando a cerca de 1.000 associados em 1978, devido à entrada de não estivadores no bloco. Apesar de toda a beleza e tradição, o Gandhi nunca havia sido um bloco de prestígio. Era apenas um entre outros afoxés e tão discriminado quanto os blocos afros e de índio. Para a mídia, esses blocos eram praticamente invisíveis. Em sua composição, gente negra e de origem humilde era absoluta maioria. No início dos anos de 1990, o número de associados do bloco chegava a pouco mais de dois mil.

De todas as transformações por que passou, a mais radical aconteceu em 1999, o ano do fatídico cinquentenário do bloco. Em função do marco histórico dos 50 anos, choveram patrocínios que garantiriam por si só a saída do bloco às ruas, com toda a sua estrutura de trio, carro de apoio e alegorias. Fora isso, um grande número de fantasias foi vendido.

O carnaval de 1999 coincidiu com uma das mais disputadas eleições para a presidência da agremiação. Entre acusações de estelionato e malversação de recursos de parte a parte, venceu a chapa formada por Agnaldo Silva e Gilberto Gil. Junto com a eleição vieram algumas mudanças: tradicionalmente, apenas o domingo e a terça-feira eram reservados para a passagem da agremiação. A segunda-feira foi incluída no desfile. A ideia original era levar a batida do Gandhi para a Liberdade, o bairro de maior densidade populacional e negra de Salvador, mas a agremiação acabou incluída no circuito da Barra. “Resolveram desfilar para turistas”, protestou o jornalista, biógrafo e membro do afoxé, Anísio Félix. O circuito Barra/Ondina ainda é motivo de resistência de muitos associados, que se recusam a desfilar por lá na segunda-feira de carnaval.

Antigamente, para se associar ao bloco, era necessário além dos documentos pessoais, um atestado de antecedentes criminais e a indicação por um sócio antigo do bloco, que ficaria também responsável pelo seu comportamento no desfile. Em 1999,

todas essas “formalidades” foram dispensadas.

Além das fantasias vendidas oficialmente na sede do bloco, um número impressionante de fantasias “clandestinas” infestou o bloco. O resultado não podia ser pior, cerca de 15 mil homens foram às ruas aquele ano, fantasiados de Filhos de Gandhi. É difícil descrever, mas não havia espaço dentro do bloco, não se conseguia enxergar, muito menos ouvir o trio. A ponta do bloco alcançava o meio da Avenida Carlos Gomes e a outra extremidade ainda nem havia saído da Rua Chile. No prédio da SULACAP, uma bifurcação, o bloco seguia o circuito oficial em direção à Avenida Carlos Gomes e parte dos integrantes criou um circuito alternativo, subindo a Avenida Sete, na contramão, apesar dos gritos inúteis de diretores ao microfone, implorando que se mantivesse a “unidade” do bloco.

No domingo, o atraso no desfile gerou um congestionamento de blocos de trio que tiveram que esperar o Gandhi terminar de passar. Era o último ano de Ivete Sangalo puxando o Bloco Eva, que chegou com mais de sete horas de atraso ao Campo Grande – os foliões agradeceram, Ivete não. Na terça-feira, os blocos de trio retaliaram, prenderam as cordas, formando uma espécie de “fila indiana” de blocos e não deram espaço ao Gandhi. O bloco só chegou ao Campo Grande depois da meia-noite.

Quebra do trio, péssimo funcionamento do som, integrantes do bloco envolvidos em brigas, agarrando mulheres à força, sendo levados pela polícia, vendendo ou trocando os itens tradicionais da fantasia, por latas de cerveja e refrigerante. O carnaval de 1999, para o Afoxé Filhos de Gandhi, foi um pesadelo. Depois daquele carnaval, as coisas jamais seriam as mesmas.

Após o desastroso carnaval de 1999, a Secretaria de Segurança Pública pediu esclarecimentos ao bloco e exigiu mudanças para o ano seguinte. Não se admitiria um número tão grande de associados na rua. Além disso, o bloco deveria respeitar os horários do desfile, o que nunca acontecia.

Na tentativa de combater a clandestinidade de fantasias, a emenda saiu pior que o soneto. O bloco resolveu inovar, numerando as fantasias. Cada fantasia teria imprimido o número de série do carnê de cada associado. Não deu certo. Os primeiros lotes de fantasias foram entregues sem problemas, mas alguns lotes desapareceram, o que atrasou a entre-

ga das fantasias restantes. Como resultado, tumulto e mediação da polícia militar, que foi chamada ao local (antigo Estádio da Fonte Nova), para acalmar os ânimos. No final, o bloco teve que ceder e distribuiu as fantasias sem considerar a numeração.

O desfile desse ano 2000 foi muito mais tranquilo e aqueles que estavam acostumados com os tradicionais atrasos, foram pegos de surpresa. Muitos associados ainda nem haviam chegado ao Pelourinho quando o Afoxé já ganhava a Rua Carlos Gomes. O bloco iniciou o desfile religiosamente às 15 horas – antes das 19 horas, o bloco já desfilava na passarela principal do Campo Grande.

Nos anos seguintes, o bloco se modifica em relação à composição dos seus associados. O espaço na mídia, conquistado desde o cinquentenário, fez aumentar a procura por parte de turistas brasileiros, estrangeiros e baianos acostumados a sair em blocos de trio. Como o preço do carnê era acessível, se comparado com os “abadás”, era possível sair em um bloco de trio e desfilarem no Gandhi.

O trauma de 1999 afastou muitos associados antigos do bloco. Integrantes com mais de uma década de desfiles pelo Gandhi simplesmente abandonaram aos poucos o carnaval. Rostos conhecidos que no ano seguinte não apareciam. Nem todos se adaptaram ao que a nova diretoria chamava de “novos tempos”. Um número cada vez maior de jovens, em sua maioria branca, de classe média, passou a frequentar o bloco, com o objetivo de utilizar a “mística” do Gandhi para conquistar as meninas no carnaval.

É certo ou não que entre esses novos associados, alguns se identificavam genuinamente com a filosofia e as tradições do Afoxé Filhos de Gandhi. Ao contrário do que acontecia com o Ilê Aye, nunca houve no Gandhi uma restrição formal, pela saída de não negros. Mas estes só passaram a frequentar o bloco em massa, depois da transformação dos Filhos de Gandhi em produto de fácil consumo hoje, quando se fala em “sair no Gandhi” associa-se imediatamente à ideia de “pegar mulher” ou trocar colares por beijos. Os ideais sobre os quais se fundamentou o surgimento do bloco não faz parte da “agenda”.

No ano de 2006, um novo golpe nos associados da “velha guarda” do Gandhi, na tentativa de estancar o derrame de fantasias falsas, a diretoria do



bloco resolve mexer com um dos maiores símbolos do bloco. No carnaval de 2006, os Filhos de Gandhi desfilaram com um turbante azul-marinho.

Foi demais para os velhos associados. Muitos que já haviam pagado pela fantasia, se recusaram a desfilar. Alguns vestiram a fantasia, mas preferiram acompanhar o bloco fora das cordas, sem o turbante na cabeça. Até mesmo Gilberto Gil, ligado à diretoria, criticou a descaracterização do bloco. A revolta foi geral, mas ficava claro o posicionamento da diretoria em relação às antigas tradições.

Admito que para os associados mais ligados à tradição dos Filhos do Gandhi é difícil conviver com o clima de “descompromisso” que tomou conta do bloco. Boa parte dos novos foliões desconhece a história do bloco. Não consegue entender a importância do bloco e nem percebe que por trás daquela indumentária há 60 anos de história.

É de dá tristeza observar integrantes do Afoxé que rasgam a fantasia para deixar o peito e os braços expostos. Ou os que inventam combinação de cores esdrúxulas para os colares só para agradar as meninas. Tem ainda os que vestem abadás de outros blocos por cima da fantasia para poder transitar entre um bloco e outro.

Para quem sai em um bloco de carnaval, a folia se resume a adquirir a fantasia e ir pra rua brincar. No caso do Gandhi, essa folia se estende um pouco mais, pois é preciso escolher ou personalizar cada item da fantasia.

Ao contrário do que possam imaginar, o bloco não fornece toda a indumentária do desfile. Quando adquire a fantasia, tem o direito ao lençol, que é a fantasia, a toalha para fazer o turbante, a sandália, as meias, um frasco de alfazema, faixas e flâmulas. Outros acessórios são adquiridos à parte, dando ao folião a liberdade de escolher tipo, modelo, cor e tamanho do item que quiser adicionar à fantasia.

Tradicionalmente, a fantasia do Afoxé Filhos de Gandhi é composta por um lençol de 2,20 m x 2,00 m, costurado nas laterais, com uma abertura na parte superior e uma pintura na parte frontal com o tema do Carnaval. As fantasias são tamanho único. O associado recebe também uma toalha que é utilizada para fazer o turbante. O turbante é feito na própria cabeça por uma artesã, esse serviço é pago, usando a toalha que, após ser dobrada, envolve a cabeça e é dado o acabamento usando-se

linha e agulha. Para finalizar, é aplicado o broche, de formato redondo e com uma pedra azul, lembrando os marajás indianos. Para complementar a fantasia, segue um par de sandálias, um perfume de alfazema, meias e faixa.

Alguns adereços não fazem parte do kit que é entregue pelo bloco ao associado, mas já se tornam “tradicionalmente obrigatórios” na composição da fantasia – o broche pode ser encontrado em diversos formatos e tamanhos. Os mais tradicionais são feitos em azul e branco, com uma pedra no centro do broche.

Os colares, nas cores azuis e brancas, são uma reverência aos orixás Oxalá e Ogum. Durante o desfile, os colares têm um significado além daquele de simplesmente compor um figurino ou vestir uma fantasia. Tradicionalmente, os colares são oferecidos aos admiradores, simbolizando uma maneira dos Filhos de Gandhi desejarem paz durante o carnaval e no restante do ano.

O contra-egum compõe-se de um trançado de palha-da-costa previamente imantada com banho de ervas peculiares ao orixá do filho que irá utilizá-lo. Normalmente, é colocado amarrando-se nos braços. Destina-se à proteção contra a aproximação de espíritos perturbadores, os eguns, que estão por toda parte. Pode ser usado toda vez que tiver que enfrentar locais propícios a estes espíritos, enfim, lugares tidos como “carregados”.

As luvas são encontradas em diversos modelos, sempre azuis e brancas, ou completamente brancas. Podem ser muito úteis, mas é um verdadeiro desafio mantê-las limpas até o final do desfile.

Cada um utiliza de acordo com a indumentária, da maneira que se achar elegante. Não existe quantidade fixa de contas para cada colar, nem quantos colares se deve usar. As cores dos colares são um tipo referencial religioso que evocam Oxalá – o Orixá maior – que está associado à criação do mundo e da espécie humana, sendo considerado e cultuado como o maior e mais respeitado Orixá do panteão africano.

As cores dos colares são então uma referência aos modos de apresentação do Oxalá. Isso porque esse Orixá se apresenta de duas maneiras no Candomblé. O chamado “Moço” (Oxaguian), que é branco mesclado de azul, e o “Velho” (Oxalufam) de cor branca.

Assim, o branco e o azul intercalados representam o fio de contas do Oxalá menino, o Oxaguiam, que correspondem, o branco a Oxalufam, seu pai. O azul provém de Ogum, de quem é inseparável.

A Associação Cultural, Recreativa e Carnavalesca Filhos de Gandhi tem sua sede localizada no Pelourinho. Doadada pelo Governo do Estado da Bahia, em 1983, onde funciona o ano inteiro a administração e quadra de ensaios.

Buscando, na sua pluralidade sociocultural, desenvolver diversas atividades tendo como missão, através do entretenimento e respeito pela tradição, pregar a paz e abrigar, em seu ambiente, pessoas de todos os credos, condições sociais e etnias e sendo ponto de parada de turistas de todo o planeta que visitam o Centro Histórico de Salvador.

Referência

FÉLIX, Anísio. *Filhos de Gandhi* – A história de um afoxé. Salvador: [s.n.], 1987.

Fontes

Texto baseado no blog <http://alemdoqsev.blogspot.com.br/2011/01/historia-do-afoxe-filhos-de-gandhy.html>. Com autorização do Autor: Nourival Filho: nourivalfilho@gmail.com.

Disponível em: <<http://correio24horas.globo.com/noticias/noticia.asp?codigo=17736&mdl=29>>. Acesso em: dia mês abreviado. ano.

Disponível em: <<http://pasargadabr.blogspot.com/2010/12/afoxe-dos-filhos-de-gandhy.html>>. Acesso em: dia mês abreviado. ano.

Disponível em: <<http://www.filhosdegandhy.com.br/historico.html>>. Acesso em: dia mês abreviado. ano.

Disponível em: <<http://www.filhosdegandhy.com.br/temadocarnaval2010.pdf>>. Acesso em: dia mês abreviado. ano.

Disponível em: <<http://epoca.globo.com/edic/19990208/cult3.htm>>. Acesso em: dia mês abreviado. ano.

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Filhos_de_Gandhy>. Acesso em: dia mês abreviado. ano.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u506039.shtml>>. Acesso em: dia mês abreviado. ano.

Disponível em: <<http://carnaval2006.terra.com.br/interna/0,,OI895467-EI6246,00.html>>. Acesso em: dia mês abreviado. ano.

